

MITOLOGIA Animais associados ao mal têm interpretações diversas nas diferentes culturas

O fascinante mundo das serpentes

Lígia Pizzatto

Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas (doutoranda em ecologia), (ligia_oceanica@yahoo.com)

“**N**o começo, no imenso caos do mundo, vivia solitária a bela e poderosa deusa Eurínome. Ela adorava dançar mas, não tendo uma base para apoiar seus pés, acabou por separar o céu do mar. Assim, começou a saltar e dançar por sobre as ondas que criara até que encontrou, do lado norte do mundo, um vento forte. Eurínome gostou do vento. Achou o seu frescor agradável e decidiu começar por ele a obra da criação. Apanhou, então, o fluido companheiro e, com as mãos enérgicas, esfregou-o até que se tornasse sólido. O vento se transformou em uma serpente, Ofião, que se estendeu aos pés de sua criadora. Com frio, Eurínome voltou a dançar para se aquecer. Ao vê-la dançando, a serpente se apaixonou pela deusa e uniu-se a ela para gerar todas as coisas que hoje existem. Ela, então, transformou-se em pomba, sentou-se sobre as águas do mar e pôs um ovo, que continha a natureza. Então, Ofião enrolou-se sete vezes ao redor do ovo para chocá-lo. Quando a casca rompeu saíram o Sol, a Lua, os planetas, os outros astros, a Terra, com suas montanhas e rios, as árvores, plantas, animais e os homens...”

O culto à serpente é bastante antigo. Persiste na Índia, na África central, em povos oceânicos, na Grécia, no Egito, em Roma e no Oriente. Os povos cultuam a própria serpente, figuras serpentiformes ou relacionadas às serpentes, deuses ofioformes, protetores de fontes, representantes da fecundidade da terra, da força criadora terrena, dos segredos herméticos, do infinito (mordendo a própria cau-

da). Imagens de serpentes aparecem em diversos objetos mundo afora. Na África equatorial (do Congo até Camarões), a serpente é a forma dos gênios bons, espíritos da floresta que ensinam o caminho certo.

Na psicologia, a serpente é o animal que incorpora a psiquê inferior, o psiquismo obscuro e tudo aquilo que é raro, incompreensível e misterioso. Ela representa um complexo de arquétipos ligados à fria e pegajosa escuridão subterrânea das origens – segundo o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), arquétipo é o conjunto de imagens psíquicas do inconsciente coletivo, que são patrimônio comum a toda a humanidade. De fato, o seu simbolismo é ligado à vida latente, à camada mais profunda da vida. Assim, os Chaldaios (membros do antigo povo semita dominante na Babilônia) possuíam apenas uma palavra para representar vida e serpente. Semelhantemente, em árabe, as palavras que significam serpente, vida e um dos principais nomes de deus (cujo significado é gerador da vida) são, de fato, muito parecidas.

A serpente é um deus antigo, o primeiro a ser encontrado no início de toda a cosmogênese, antes das religiões destruírem-no. Ela cria e sustenta a vida. No plano humano, ela é símbolo duplo da alma e da libido. O neurologista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) aponta que as serpentes freqüentemente representam o fálico, os interesses, conflitos e atitudes sexuais. Já para Jung, elas representam o espiritual ou integrativo, a força da personalidade, a transformação e renovação. ▶

Na África equatorial (do Congo até Camarões), a serpente é a forma dos gênios bons, espíritos da floresta que ensinam o caminho certo

No tantrismo (referente à tantra, uma das últimas escrituras hindus ou budistas que apresentam especialmente técnicas e rituais, incluindo meditação e práticas sexuais), a serpente (*kundalinî*) está enrolada na base da coluna vertebral, no *chakra* (palavra sânscrita que significa roda; são centros de energia relacionados aos órgãos do corpo e sistemas físicos) do sono; ela fecha com a boca o canal do pênis. Quando ela desperta, sibila e enrijece, ocorre então a ascensão sucessiva dos *chakras* que traz à tona a libido, a manifestação renovada da vida.

Na visão macrocômica, o equivalente de *kundalinî* é a serpente Ananta, que se mantém enrodilhada, segurando as 'bases do mundo'. Ananta é associada a Vishnu e Shiva (segundo e terceiro deus da sagrada trindade hindu – o primeiro é Brahma. Vishnu é o deus da preservação do universo que descansa sobre uma serpente enrodilhada – a cama do poder, símbolo do universo adormecido. Shiva é o deus da dissolução e recriação do universo. Aparece com uma serpente enrolada três vezes no seu pescoço. Esta representa o poder com o qual Shiva dissolve e reconstrói o universo. As três rodilhas da cobra simbolizam passado, presente e futuro, o tempo em ciclos, como ocorre a criação). Ananta simboliza desenvolvimento e reabsorção cíclica; ela carrega o mundo sobre si mesma e garante sua estabilidade.

A serpente, na figura dos ouroboros, sustenta o mundo envolvendo-se ao redor dele e mantendo seus pedaços unidos. O ouroboro, representado pela serpente mordendo a própria cauda é símbolo da ma-

nifestação cíclica e do retorno, paradoxo, enigma, união sexual em si mesmo, autofecundação (sugerida pela cauda penetrando na boca), auto-renovação, infinito temporal e espacial, transformação contínua da morte na vida, já que suas presas envenenam a si própria. Os ouroboros provêm a força motriz não só da vida, mas do tempo, gerando ambos. A serpente representa a imortalidade, a vida renovada a cada muda de pele.

A visão de gregos e egípcios

Em muitas culturas a serpente também representa o próprio oceano, o espírito das águas superficiais e subterrâneas. No Baixo Egito, ela é adorada na figura da deusa Uto (ou Wadjit), divindade guardiã do faraó. Juntamente com a deusa Nekhebet (do Alto Egito) formava o par das 'duas senhoras' que protegia o rei.

Ambas as divindades aparecem na testa do sarcófago de Tutankhamon, representando sua dignidade real neste mundo e no além.

Mais uma vez, na cultura mediterrânea, a serpente é a criadora do mundo. Atum, o deus serpente, cuspiu toda a criação depois de ter emergido sozinho das águas primordiais. Dele descendem o ar, a umidade, a terra e o céu. E depois, tudo passou a existir. Diante de sua criação, Atum falou: "Sou aquilo que permanece; (...) o mundo voltará ao caos inicial, e então eu me transformarei em serpente, que nenhum homem conhece, que nenhum deus vê!."

A serpente também está ligada à regeneração do dia, como relatado no *Livro dos mortos* (livro sagrado dos egípcios). O caminho que o Sol deve percorrer para renascer é dividido em 12 cômodos (que correspondem às 12 horas da noite). A barca solar inicialmente atravessa extensões de areia habitadas por serpentes e, depois, ela própria se transforma em serpente. Na sétima hora, aparece outra figura serpentiforme: Apófis, a encarnação monstruosa do senhor dos infernos e a prefiguração do Satanás bíblico. Na 11ª hora, a corda que puxa a barca se transforma em serpente. E, durante a 12ª hora, no cômodo do crepúsculo, a barca solar é puxada por uma serpente enorme. O Sol, então, sai de sua boca para renascer na Terra. O livro sagrado dos egípcios desta-

**Na psicologia,
a serpente é o animal que
incorpora a psiquê inferior,
o psiquismo obscuro e tudo
aquilo que é raro,
incompreensível
e misterioso**



**Representação asteca do ouroboros:
a serpente engolindo a própria cauda**

ca, entre as várias características das serpentes, a de uma força hostil.

A cultura greco-romana parece ser a mais rica em termos de figuras e divindades relacionadas à serpente: Equidina, Hidra de Lerna, Cérbero, Ládon, Tifeu, Medusa, Esculápio. Medusa e suas duas irmãs eram chamadas de Górgonas. Moças muito bonitas, foram castigadas por serem vaidosas e se compararem às deusas do Olimpo. Os cabelos transformaram-se em serpentes, as bocas foram deformadas e receberam dentes de javali. Braços e pernas tornaram-se garras de bronze. Passaram a ter asas de ouro para voar e o poder de petrificar quem as contemplasse. Das três Górgonas, Medusa era a mais feroz e medonha, a única mortal. Fora a mais castigada pois, além se gabar da sua beleza, cometera o sacrilégio de entregar-se a Poseidon (também conhecido como Erecteu, o homem-serpente, antigo rei de Atenas) no próprio templo de Palas Athenas.

Medusa é vencida por Perseu, que corta sua cabeça defendendo-se de seu olhar petrificante com a ajuda de um espelho. O ideal supremo da mortalidade grega, conhecer a si próprio, é indispensável na conquista do equilíbrio pessoal e da harmonia interior. O mito de Perseu e a luta com a Medusa simbolizam a guerra íntima do ser humano na procura por si próprio. Quem vê a cabeça da Medusa é petrificado: é a conscientização, por parte do homem, do seu lado negativo, é a descoberta do peso petrificante de sua culpa.

Nos séculos 5 e 4 a.C., a medicina grega avançou da sabedoria tradicional aos inícios da medicina científica. Os primeiros cultos e práticas de cura eram realizados nos santuários de Esculápio, que passou a ser conhecido como deus da cura. Esculápio, filho de Apolo e de Coronis, nasceu de um ovo sob forma de serpente. Era representado por um ancião com uma serpente enrolada em seu caduceu. A serpente era a figura mais importante do santuário e, ainda no século 4, se pensava que se ela lambesse os olhos de um cego poderia curá-lo.

Em resumo, tanto os gregos como os egípcios só ‘atacam’ a serpente quando esta quer devolver o cosmos ao caos. Ao contrário, quando ela permanece na ‘outra face’ indispensável ao espírito, vivificadora,

Em muitas culturas a serpente também representa o próprio oceano, o espírito das águas superficiais e subterrâneas

inspiradora, é aceita e até glorificada. Assim, todas as grandes deusas da natureza têm a serpente como atributo.

A concepção dos cristãos e de Dante

Na cultura cristã, a serpente representa a tentação. Está no *Gênesis* que “a cobra era o animal mais esperto que Deus havia criado”. Ela incentiva Eva a comer o fruto da árvore do conhecimento, contra-

riando as ordens de Deus. Embora esse ato tenha levado a serpente e os homens a castigos severos, ele abriu os olhos dos homens para o conhecimento. Assim, os humanos passaram a ter o conhecimento do mal, mas também do bem. A cobra, portanto, pode também representar a espreteza.

As serpentes aparecem também no inferno de Dante Alighieri, em *A divina comédia*. Lá estão três hidras e Medusa, castigando os pecadores. Estão também ladrões eternamente castigados por mordidas de serpentes: “... serpentes incontáveis se embolavam, tão horríveis de ver que só de recordá-las nas veias me gela o sangue. (...) jamais se notou tamanha quantidade, nem pelas praias do Mar Vermelho, nem no sertão da Etiópia se viu número e vulto iguais. Pelo meio do cruel e feroz enxame, corria gente desnuda e decomposta, sem jamais esperar descanso (...) Algumas das serpentes ligavam as mãos dos infelizes atrás das costas. Outras, atravessando a cauda sobre seus rins, juntavam cabeça e cauda no peito do padecente.”

Outra figura serpentiforme, o dragão, aparece no apocalipse. O dragão representa a cobra diabólica que engana os homens e vai castigá-los. Entretanto, embora o cristianismo, na maior parte das vezes, tenha retido o aspecto negativo da serpente, o positivo também aparece. Primeiro, Deus enviou serpentes para castigar o povo pecador, mas a cobra também seria a salvadora dessas pessoas através de sua imagem colocada por Moisés em uma haste. Jeová disse a

Moisés, em *Números*: “Faze uma serpente abrasadora e coloca-a em uma haste, todo aquele que for mordido e a contemplar, viverá.”

De forma geral, a serpente que, nas diversas culturas aparece tanto representando o bem como o mal, é símbolo de força e poder. Representa o mistério, o imortal, o inconsciente. ■

A serpente que, nas diversas culturas aparece tanto representando o bem como o mal, é símbolo de força e poder. Representa o mistério, o imortal, o inconsciente